

## Supervisão: Para além dos limites

Paulo Mota Marques

---

A supervisão constitui um dos alicerces da formação de um psicoterapeuta, juntamente com a análise pessoal e a formação teórico-técnica. Este triângulo formativo afigura-se como basilar para o desenvolvimento da identidade como psicoterapeuta / psicanalista. Na perspectiva do modelo relacional, a supervisão adquire uma especificidade própria uma vez que a relação estabelecida entre supervisor e supervisando é crucial para a compreensão mútua na descodificação dos aspetos inconscientes e relacionais das situações em análise.

O termo supervisão pode indiciar que o supervisor seja detentor de uma percepção mais correta ou mesmo mais alargada de que o supervisando. Não é necessariamente assim, ainda que tenha mais experiência clínica. É no encontro entre supervisor e supervisando, é na interação e na relação intersubjectiva entre os dois intervenientes (ou mais se for em grupo) que a visão de ambos a torna “super” no desbravar da mente e dos caminhos do paciente.

A supervisão em grupo adquire uma configuração particular e muito interessante, uma vez que possibilita, na matriz do grupo, a troca de percepções sobre os casos em análise, como se a supervisão se integrasse com a intervenção. O supervisor facilitará então esta partilha de perspectivas, aproveitando as potencialidades da dinâmica do grupo. Considero que o grupo é um dispositivo poderoso para alargar o espaço de compreensão do outro, do outro e eu, e do outro através de mim.

Deste trabalho, em conjunto, o supervisando vai adquirindo uma progressiva autonomia, construindo a sua identidade como psicoterapeuta, com o seu próprio pensamento, estilo e sensibilidade. É fundamental aprender a reflectir criticamente, a “sair da caixa” sempre que possível e necessário, poder ver além de...ver de outras perspectivas. Um dos aspetos principais da supervisão é a necessidade de compreensão, por parte do psicoterapeuta,

da contratransferência com o seu paciente, mas também de movimentos contratransferenciais com o seu supervisor, tentando iluminar os pontos cegos. Também o supervisor deverá estar atento a movimentos contratransferenciais na relação com o supervisando.

Através da interiorização e elaboração da supervisão que o psicoterapeuta vai tendo (também com diversos supervisores) este vai construindo a sua identidade como psicoterapeuta, olhando (esperamos) os pacientes de forma global, como pessoas como nós, num diálogo intersubjectivo, construtivo, criativo, reparador e novo.

A presente Mesa constitui seguramente um excelente momento de reflexão sobre esta temática da Supervisão, das diferentes perspectivas na sua abordagem e possibilidades de desenvolvimento.

Paulo Mota Marques